

SURGINDO VEM AO LONGE A NOVA AURORA...

**Para a história do diário sindicalista
A BATALHA / 1919-1927**

Jacinto Baptista



Livraria Bertrand

Em fase já adiantada da sua existência, *A Batalha* publicou, às segundas-feiras (o dia em que o diário não saía, devido à folga dominical do seu quadro gráfico e redactorial), um suplemento semanal "literário e ilustrado" de oito páginas, que provavelmente ia sendo redigido, composto e paginado ao longo da semana, e cujo primeiro número se editou a 3 de Dezembro de 1923, tendo como redactor principal Carlos Maria Coelho. O último número que conhecemos deste suplemento é o 166, de 31 de Janeiro de 1927 - já em ditadura, portanto -, sendo dirigido, então, por Mário Castelhana e tendo por editor Silvino Noronha.

Impresso em máquina rotativa (como não se esquece algures de assinalar, com uma ponta de vaidade), este semanário tirava seis mil exemplares em 1925 e foi (relativamente muito) apreciado nos grupos sociais que seguiam (ou tinham afinidades com) o ideário de *A Batalha*, justificando-se tal apreço pela variedade e qualidade de colaboração que inseria.

Não especificaremos os jornalistas, publicistas e escritores que, durante os anos de vida do suplemento, o valorizaram ou, pelo menos, lhe conferiram um cariz ideológico bem determinado, não só pelas afirmações como pelas negações, por aquilo que era enaltecido e por aquilo que era vituperado. Preferimos, com a ajuda aliás não exaustiva de Alexandre Vieira¹, mencionar os nomes daqueles - e só citaremos os mais assíduos ou que adquiriram, então ou posteriormente, projecção política, artística ou literária - que estiveram vinculados pelo menos a uma das três publicações aparentadas, ou sejam, a própria *Batalha*, o seu suplemento semanal e a revista gráfica quinzenal "de novos horizontes sociais" *Renovação*, que começou a publicar-se a 2 de Julho de 1925.

Assim, referiremos, para além daqueles já mencionados a propósito da fase de arranque do diário, na qual participaram os jornalistas que se formaram profissionalmente na Calçada do Combro, alguns dos quais provenientes de outras profissões: Mário Domingues, Cristiano Lima, David de Carvalho, Eduardo Frias, Artur Portela e Alfredo Marques. E, a talho de foice, diremos que a habilitação profissional dos jornalistas-tipógrafos que lançaram *A Batalha*, simultaneamente

¹ Alexandre Vieira, *Em Volta da Minha Profissão*, p. 116.

trabalhadores manuais e intelectuais, lhes permitia, muitas vezes, que, terminando o labor na redacção, fossem dar uma ajuda aos seus companheiros de tipografia.

Dos jornalistas, publicistas e escritores que, com maior ou menor assiduidade, *batalharam* na páginas das três publicações, citaremos, entre os estrangeiros: o sociólogo francês Augustin Hamon², cujos artigos tinham honras de primeira página em *A Batalha*, e o sindicalista italiano Armando Borghi³; e entre os portugueses: os teóricos (ou menos práticos) anarquistas, sindicalistas ou anarco-sindicalistas Neno Vasco, Emílio Costa, Manuel Ribeiro, Carlos Rates, Campos Lima, Adolfo Lima, César Porto, Adriano Botelho, José Benedy, Emídio Santana; e ainda, entre muitíssimas outras figuras da vida intelectual, Adelaide Cabette, Armando Lucena, Arnaldo Brasão, Assis Esperança, Bento Faria, Carneiro de Moura, Carvalhão Duarte, Costa Júnior, Eugénio Navarro, Ferreira de Castro, Jaime Brasil, Julião Quintinha, Ladislau Batalha, Nogueira de Brito, Rocha Martins, Tomás da Fonseca, Vitorino Nemésio (na sua breve fase de repórter, tendo, designadamente, relatado para *A Batalha* o Congresso Nacional Metalúrgico, que, com início a 5 de

² Augustin Hamon (1862-?), fundador e director de *L'Humanité Nouvelle*, colaborador de *L'Égalité*, *La Revue Socialiste*, *L'Art Social*. Foi professor do Curso Livre da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, da Universidade Nova de Bruxelas e do Colégio Livre das Ciências Sociais de Paris e "lecturer" da Escola de Ciências Económicas e Políticas de Londres. Entre outras obras, publicou: *Ministère et mélinite: La France sociale et politique* (1890-1891); *La Psychologie du militaire professionnel* (1893); *La Psychologie de l'anarchiste socialiste* (1895); *Le socialisme et le Congrès de Londres* (1896); *Determinisme et responsabilité* (1898). Em português, conhecemos, em tradução livre de Ribeiro de Carvalho, o estudo intitulado *Socialismo e Anarquismo*, que constitui o segundo volume da Biblioteca de Educação Moderna, edição da Livraria Internacional, Lisboa, s/d; *As Lições da Guerra Mundial*, tradução de Adolfo Lima e Bel-Adam, Guimarães & C.ª Editores, Lisboa, 1918; e *A Crise do Socialismo*, tradução anónima, edição da empresa de *A Batalha*, Lisboa, 1921.

³ Armando Borghi (1882-1968), figura proeminente do movimento anarquista italiano e mundial, veio a Portugal em 1925 para assistir, como delegação da A. I. T., ao Congresso Confederal de Santarém, presenciando, também, os trabalhos do Congresso da Federação Rural. Na nota biográfica que lhe consagrou, baseando-se nos jornais *L'Internazionale* e *L'Umanità Nova*, o jornal português *Voz Anarquista* (n.º 10, Dezembro de 1975) diz que, quando na sua visita a Portugal, Borghi "ficou agradavelmente surpreendido com o espírito libertário dos camponeses alentejanos", com os quais contactou no Congresso de Santarém. "Fez votos", acrescenta *Voz Anarquista*, "por que conservassem sempre esse espírito, o qual, aliás, ainda se está manifestando na atitude assumida por aqueles que não se deixam manipular pelos chefes marxistas de todos os matizes."

Foi secretário-geral da União sindical italiana, central anarco-sindicalista e, em 1920, visitou a Rússia soviética, onde se avistou com Lenine. O seu livro mais importante: *Mezzo secolo di Anarchia* (1898-1945).

Abril, se reuniu em Tomar e onde foi criada a Federação da respectiva indústria), etc.

Dentre os militantes operários mais ligados à *Batalha* e às suas extensões culturais, referiremos, entre outros: Manuel Joaquim de Sousa, Manuel da Silva Campos, Joaquim de Sousa, Santos Arranha, Alberto Dias, Mário Castelhana (os quais também exerceram, em várias épocas, por delegação da C.G.T., as funções de redactor principal do diário), José Carlos de Sousa, Clemente Vieira dos Santos, Raul Neves Dias, Joaquim Cardoso, etc., etc.

Nomes de colaboradores esporádicos, também entre muitos outros: Francine Benoit, Maria do Sotito Mayor e Abreu e... José Régio.

No n.º 126 do suplemento semanal (26 de Abril de 1926), em artigo intitulado "Coimbra de ontem e Coimbra de hoje", o escritor⁴, "parodiando a frase de não sei quem", diz que "é preciso que Coimbra mate certas coisas mortas" - alusão directa à praxe e às suas práticas, que não confunde com a estúrdia, já que esta, segundo lhe parece, existirá sempre onde houver gente nova. E conclui regozijando-se com os avanços da "avozinha" no século XX, oferecendo-lhe, a propósito "três máximas muito simples, muito fáceis", a saber:

- Tudo o que pára fica atrás.
- Só tem razão de ser aquilo cuja existência tem uma razão.
- Um estudante é um homem que estuda, portanto todo o estudante deve ser um trabalhador e um intelectual.

Dentre os artistas que, como ilustradores, colaboraram em *A Batalha* e suas publicações periódicas cite-se, em primeiro lugar, pela assiduidade e também pelo vigor da expressão e principalmente pelo conteúdo social, de denúncia implacável ou de humaníssima compaixão, Stuart Carvalhais. Os seus apontamentos e os contextos literários em que os insere constituem interessantíssimos exemplos de uma arte de intervenção que lembra Chaplin e bem mereceriam ser recuperados na totalidade das amarelecidas e esquecidas páginas que os arquivam.

⁴ Régio tem, então, vinte e sete anos.

Outros ilustradores deram colaboração apreciável à *Batalha*: Roberto Nobre, que ilustrou muitos dos escritos de Ferreira de Castro; Guilherme Filipe, o pintor que, muitos anos depois, criou o Jardim Universitário de Belas-Artes (J.U.B.A.) e, com ele, manifestações e debates, que foram pedradas no charco da pasmaceira lisboeta nos anos tristes da opressão fascista; Rocha Vieira, Bernardo Marques, etc.

Com vista a "uma maior união entre o braço e o cérebro"

Dando expressão retórica a um idealismo assaz ingénuo, o suplemento semanal "literário e ilustrado" de *A Batalha* entendia, no seu número de apresentação, que "só o estudo cria uma ideologia consciente e coerente, capaz de fazer raiar de vez a Verdade e a Justiça!".

Esta era a premissa da ideia que, a partir de 1923, induzira o órgão da C.G.T. a publicar, às segundas-feiras (dia em que, como já referimos, o diário não saía), o seu suplemento semanal. Descontadas, porém, a retórica e a ingenuidade preliminares do programa, este era consistente e, aparentemente, exequível:

"Órgão de exposição doutrinária e elemento de educação e de aperfeiçoamento moral e intelectual, ele destina-se a ser o companheiro espiritual do operário e a contribuir para a formação da sua consciência revolucionária, ao mesmo tempo que deseja despertar o raciocínio, para as ideias renovadoras que defendemos, dessas outras classes chamadas, quer pela sua situação de explorados, quer pela função útil que desempenham, a colaborar na obra de transformação social que empreendemos".

A parte de artigos de divulgação cultural, em que predominavam os temas de política, história, artes literárias e plásticas (estas consideradas segundo perspectiva muito convencional, abrangendo área e modos que hoje classificaríamos de *kitsch*), bem como os temas de profilaxia social, o suplemento inseria uma página preenchida com textos de conhecimentos úteis e vulgarização técnica: "O que todos devem saber"; "Aproveitamos os nossos momentos de

descanso para nos instuirmos um pouco"; e uma página infantil - "Chico, Zecas & C.^a".

"Uma publicação única no género"

Ao comemorar um ano de existência, o suplemento congratulava-se por ter conquistado desde o primeiro número "uma vida própria, uma vida independente". Correspondera (julgava) a uma necessidade popular, cumprira a sua missão - "e daí os seus muitos milhares de leitores, que lhe asseguram a vida". Fundado para criar "uma maior união entre o braço e o cérebro, é dizer, entre o trabalhador manual e o intelectual", o suplemento de *A Batalha* era "uma publicação única no género". Muitos supunham que "o proletariado necessita apenas de assimilar ideias de combate, renunciando à cultura, à arte, aos vários ramos de actividade mental". Não pensavam assim os criadores do suplemento, que surgia "para difundir o gosto pela arte entre o povo e para anuncia todas as correntes da cultura contemporânea".

Este esforço cultural era apreciado dentro das fronteiras, necessariamente limitadas, da influência do ideário da C.G.T, mas também fora delas, é de supor. No dia 5 de Janeiro de 1926, *A Batalha* relata que, no Congresso Pedagógico, promovido pela União do Professorado Primário, um orador, Manuel Araújo, de Albergaria-a-Velha, elogiou o órgão operário e, especialmente, o seu suplemento semanal ilustrado, dizendo "Muitos professores aproveitam os ensinamentos dos assuntos divulgados nessas páginas ("O que todos devem saber" e "Chico, Zecas & C.^a") que são dum alto valor educativo que muito aproveita à criança. Quando a Imprensa desempenha um papel como *A Batalha* só deve partir dos educadores um único voto: o voto de aplauso à sua obra, que tem tanto de elevação como de grandeza moral".

Porém, no seio da cúpula da C.G.T. e na equipa executiva de *A Batalha* não devia haver unanimidade sobre o alcance e eficácia desta projecção cultural do jornal operário. Com efeito, no relato da reunião do Congresso Confederal da C.G.T. do mês anterior (Dezembro de 1925), Aleixo de Oliveira, administrador de *A*

Batalha, diz que, em virtude do suplemento literário não corresponder em absoluto às necessidade de propaganda, a secção editorial do jornal resolveu publicar uma revista - *Renovação*.

Esta declaração logo suscitou a seguinte moção de Almeida Marques:

"1.º - Suspender imediatamente o aparecimento da revista *Renovação* até que o administrador de *A Batalha* e *ipso facto* da sua Secção Editorial apresente um relatório sucinto sobre o assunto.

2.º - Indicar ao Comité Confederal que inclua na ordem dos trabalhos duma das próximas reuniões do Conselho a apreciação das deficiências que se constatarem em todos os serviços de *A Batalha*."

O primeiro ponto foi aprovado por oito votos contra cinco e uma abstenção e o segundo por unanimidade.

Daqui se infere que a vida de *A Batalha* não era, por esta altura, um mar de rosas.